



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ROSIMEIRE PEREIRA DA SILVA**

**MORTE E SECA: A CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE (PB) DURANTE A  
ESTIAGEM DE 1877/79.**

**CAJAZEIRAS – PB  
NOVEMBRO DE 2012**

**ROSIMEIRE PEREIRA DA SILVA**

**MORTE E SECA: A CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE (PB) DURANTE A  
ESTIAGEM DE 1877/79.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História da Universidade Federal de  
Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, como requisito para a obtenção do  
título de licenciada em História.

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

**Cajazeiras, PB, novembro de 2012**

**ROSIMEIRE PEREIRA DA SILVA**

**MORTE E SECA: A CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE (PB) DURANTE A  
ESTIAGEM DE 1877/79.**

**Monografia de Licenciatura avaliada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ com  
conceito\_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Orientador) - UFCG

---

Prof. Ms. Francisco Firmino Sales Neto (Examinador) - UFCG

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Rosimere Olímpio de Santana (Examinadora) - UFCG

---

Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias (Suplente) – UNAVIDA/UVA/FASP

Cajazeiras, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Aos meus pais Raimundo Vicente e Josefa Pereira por todo apoio e incentivo durante essa longa e difícil jornada.

**DEDICO.**

Setembro passou, com outubro e novembro  
Já tamo em dezembro.  
Meu Deus, que é de nós?  
Assim fala o pobre do seco Nordeste,  
Com medo da peste,  
Da fome feroz.

(...) Sem chuva na terra descamba janêro,  
Depois, feverêro,  
E o mêrmo verão  
Entonce o rocêro, pensando consigo,  
Diz: isso é castigo!  
Não chove mais não!

(...) Em riba do carro se junta a famia;  
Chegou o triste dia,  
Já vai viajá.  
A seca terrive, que tudo devora,  
Lhe bota pra fora  
Da terra natá.

(...) E assim vão dexando, com choro e gemido,  
Do berço querido  
O céu lindo e azu.  
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,  
E o carro rodando  
Na estrada do Su.

Patativa do Assaré. A triste partida (2006)

## **AGRADECIMENTOS**

Foi um percalço muito longo a ser percorrido. Confesso que a caminhada foi bastante difícil, mas em meio a um obstáculo e outro sempre existiram pessoas ao meu lado que colaboraram para que eu trilhasse esse caminho sem desistir jamais.

Primeiramente quero agradecer a Deus pelo dom da vida, e pela sabedoria concedida para que eu pudesse fazer sempre as melhores escolhas.

Agradeço de forma especial aos meus pais Raimundo Vicente e Josefa Pereira, e aos meus irmãos: Rangel Pereira, Reângela Pereira e Rosângela Pereira. Nas horas mais difíceis em que o desânimo batia a porta eram eles que seguravam na minha mão e me colocavam no caminho de volta. Foram eles que depositaram em mim total confiança. Sabiam que eu seria capaz de vencer qualquer dificuldade. Sem eles jamais teria conseguido chegar tão longe.

Agradeço também aos padres Walter Anacleto e Francisco Batista de Sousa Neto, que me concederam o acesso à documentação de óbitos localizada no acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São João do Rio do Peixe - PB. Agradeço também a secretária da Paróquia Maria do Carmo Bezerra (Dudu), à qual tive a sua companhia durante toda a fase da pesquisa.

A todos os meus professores da graduação deixo o meu mais sincero agradecimento.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Rodrigo Ceballos, também deixo os meus agradecimentos. Foi ele quem me orientou tanto para a realização da pesquisa, quanto para a produção textual. E sempre quando necessitei de uma orientação sabiamente me direcionava da melhor forma possível.

Por fim agradeço a todos os meus colegas de graduação. Afinal foi com eles que dividi muitos momentos de minha vida. As amigas Francisca Soares, Gislânea Nunes, Láise Diniz, Thays Barros, Elyseângela Soares, Tamiris Figueiredo e Maria José, obrigada pela força, apoio e incentivo durante esta difícil caminhada. Agradeço em especial as minhas eternas amigas: Anna Cynthia Gonçalves e Luciana Cesário que me acolheram em suas casas.

Então, a todos vocês que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desse sonho, deixo o meu “muito obrigada”.

## RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre a seca de 1877/79, ocorrida na região Nordeste, enfatizando o que proporcionou esta seca a ganhar tanto destaque historicamente. Assim, procuramos primeiramente compreender como os cristãos entendiam a doença/morte, e quais rituais eram realizados antes e depois da morte em benefício de sua alma. Destacamos ainda as dificuldades enfrentadas pelo sertanejo durante o período de estiagem, e a cristalização do discurso que fez com que a seca de 1877/79 torna-se a de maior ocorrência na região Nordeste. Também abordamos a relação entre a morte e a seca durante o século XIX na cidade de São João do Rio do Peixe – PB, localizada no Alto Sertão paraibano. Através das certidões de óbitos é possível apresentar o número de mortes durante o período de estiagem e comparar com os anos anteriores à seca. A ponte estabelecida entre a seca no Nordeste e os óbitos ocorridos em São João do Rio do Peixe - PB no final do século XIX foi feita através das transcrições das certidões de óbitos adquiridos na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, localizada na referida cidade.

**Palavras-chave:** Nordeste, seca, certidão de óbito.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1: ANO E O NÚMERO DE ÓBITOS OCORRIDOS NA VILA DE SÃO JOÃO DURANTE O SÉCULO XIX .....</b>	<b>29</b>
<b>TABELA 2: DOENÇAS E SIGNIFICADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>TABELA 3: ANO, LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO E NÚMEROS DE PESSOAS ENTERRADAS DURANTE O SÉCULO XIX.....</b>	<b>35</b>
<b>TABELA 4: DOENÇAS E MORTES OCORRIDAS DURANTE OS ANOS 1870/1880 NA VILA DE SÃO JOÃO .....</b>	<b>37</b>



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I – O SIGNIFICADO DA MORTE NO SÉCULO XIX: Os rituais religiosos e as políticas higienistas.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II – A REPRESENTAÇÃO DA SECA DE 1877/79 ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO POPULAR.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO III – RELAÇÕES ENTRE SECA E MORTE DURANTE O SÉCULO XIX: O Registro de Óbito .....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho será caracterizada a cristalização do discurso que fez com que a seca de 1877/79, tivesse ganhado tamanha proporção na região Nordeste. O fato é que existiram secas que tiveram uma duração maior e nem por isso ficaram conhecidas como grandes secas. Há exemplo, durante o século XVIII, mais especificamente entre os anos 1723/28, ocorreu uma estiagem que teve a durabilidade de seis anos. Também entre os anos 1790/1793, ocorreu outra seca, a mesma teve a duração de quatro anos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.17). Observamos que as secas acima citadas tiveram uma duração maior do que a seca de 1877/79, porém somente a sua extensão não foi o suficiente para ganhar tanto destaque historicamente. Sendo assim, analisaremos o que torna a seca de 1877/79 como particular ou diferente das demais.

Minha intenção primordial é envolver as causas e o significado da morte dentro do contexto da seca. Durante o período de estio os produtos se escasseavam, ocorria a falta d'água, as doenças proliferavam na sociedade, e devido a todos esses fatores a morte seria um acontecimento inevitável. Por isso, que o título escolhido para a elaboração deste trabalho foi “Morte e seca: A cidade de São João do Rio do Peixe (PB), durante a estiagem de 1877/79.” Procuro compreender como os cristãos do século XIX lidavam com o tema da morte, enfocando quais os “exercícios cristãos” eram realizados para que o indivíduo obtivesse uma “boa morte”.

É no contexto da seca/morte que a cidade de São João do Rio do Peixe- PB será trabalhada. Foi feita uma análise dos óbitos que estavam acontecendo naquela localidade durante o período de estiagem em fins do século XIX. Procuramos realizar um estudo na sociedade são-joanense, apresentando de forma significativa a estatística dos índices de mortes durante a seca de 1877/79.

Para que o leitor possa compreender o lugar social de onde se fala, a seguir, apresentarei um breve histórico sobre a cidade de São João do Rio do Peixe- PB, lugar escolhido para o desenvolvimento da temática desse projeto.

De acordo com Cartaxo (1975), as margens do Rio do Peixe foram descobertas pelo sargento-mor Antônio José da Cunha, morador da capitania de Pernambuco. Inicialmente o vale do Rio do Peixe era habitado pelos índios Icós-pequenos, pertencentes à nação Cariri, e de forma pacífica, sem nenhum ato violento com os índios o sargento-mor estabeleceu-se naquela localidade erguendo assim a sua fazenda.

Depois de descobrir a região do Rio do Peixe começaram a surgir as primeiras povoações. O primeiro povoado a se estruturar na região foi denominado de Jardim do Rio do Peixe<sup>1</sup>. Para Sousa (2005), as terras desse povoado eram pertencentes ao Coronel Francisco Dias D´Avila. Alguns anos depois o peregrino Bento Freire de Sousa fundador e habitante da cidade de Sousa, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, construiu a primeira igreja naquela localidade e começou o processo de povoamento na cidade de Sousa. Desta forma, em 1741, foi criada a freguesia de Sousa. A povoação da região aumentava e seu progresso era próspero. “A capela de Nossa Senhora dos Remédios, durante a época colonial foi o centro de atração devota de todos que iam chegando aos sertões da Paraíba, com suas famílias e seus gados.” (CARTAXO, 1975, p. 60).

Sob a ótica de Cartaxo, como o povoado de Jardim estava aumentando a cada dia seus habitantes começaram a querer sua emancipação, o desejo de emancipação iniciou-se no ano de 1766. Patrício José de Almeida, Manoel Vieira da Silva e Matias de Figueiredo Rocha eram habitantes do povoado, e foram os responsáveis pelo documento requerendo que a povoação de Jardim do Rio do Peixe fosse elevada a categoria de vila. O então governador de Pernambuco, Gregório José da Silva Continho, baixou o edital tornando o povoado em vila no dia 07 de julho de 1800.

Em meados do século XVIII, estabeleceu-se no sertão paraibano, especificamente na fazenda São João, vários portugueses pertencentes a uma mesma família: os Dantas. Dentre eles se destacava João Dantas Rothéa, originário da Freguesia de Senhora do Bom Sucesso (freguesia de Pombal), onde exercia o cargo de Juiz Ordinário. Durante o ano de 1875, através de sesmarias, acomodou-se nas margens do Rio do Peixe a São João. Assim nasceu em torno dessa fazenda o povoado de São João.

De acordo com Cartaxo (1975), com a criação do povoado, em 20 de setembro de 1855, o Pe. José Gonçalves Dantas conseguiu erguer uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. Como a população era muito devota da religião cristã a capela foi erguida próximo à fazenda São João. O local escolhido para a construção da capela foi numa antiga casa de taipa<sup>2</sup>, onde as pessoas se reuniam para fazerem suas orações. Portanto, de acordo com a lei de nº. 96 de 28 de novembro de 1863, foi aprovada a lei que erigia em Matriz a Capela de Nossa Senhora do Rosário da povoação de São João do município da cidade de Sousa.

---

<sup>1</sup> O povoado jardim do Rio do Peixe mudou de nome e hoje é a atual cidade de Sousa.

<sup>2</sup> Essa casa funcionava como uma capela. Nela possuía um altar improvisado e uma mesa e ao redor dela uma pequena população se reunia e fazia as suas orações à Virgem do Rosário. (CARTAXO, 101).

A criação da igreja no povoado de São João impulsionou o desenvolvimento da vila, aumentando o número de habitantes.

Através da lei 727, a povoação de São João foi elevada a categoria de vila, começando o processo de desmembramento do município de Sousa, lugar conhecido antes como Jardim do Rio do Peixe. A criação da vila é datada do dia 08 de outubro de 1881. No ano seguinte, o Bacharel Justino Ferreira Carneiro, governador da Província, mandou realizar em São João eleições para o cargo de vereador, para que o candidato eleito pudesse governar a vila.

Com base em Cartaxo (1975), depois de ser elevada a categoria de vila, São João começou a expandir-se e crescer também para as áreas mais afastadas do centro. Em 30 de março de 1938, de vila passou a cidade. Com essa mudança o nome também fora alterado, e passou a chamar-se Antenor Navarro. A alteração do nome foi em homenagem ao atual Interventor do Estado da Paraíba que falecera em um acidente aéreo na Bahia.

De acordo com Souza (2005), a cidade ficou conhecida como Antenor Navarro durante sessenta e sete anos. Porém a população nunca haveria aceitado totalmente essa mudança e através do empenho do Ato das Disposições Transitórias da Constituição do Estado da Paraíba a cidade voltou a chamar-se São João do Rio do Peixe. Este foi o enredo social que envolveu a cidade de São João do Rio do Peixe durante o século XIX.

Depois de conhecer um pouco a história, origem e fundação de São João do Rio do Peixe é importante focar novamente na seca/morte ocorrida nesse lugar social no decorrer do século XIX.

Durante o século XIX a morte era um elemento que se fazia presente na sociedade. Dessa forma, através dos documentos de óbitos localizados na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São João do Rio do Peixe – PB será analisada os três anos de seca apresentando de forma significativa e quantitativa a relação entre seca e morte na vila. É dentro dessa relação seca e morte que será apresentada as doenças mais frequentes na vila. Discutindo as causas das mortes e apresentado os dados específicos sobre o número de pessoas vitimadas por tais doenças como: inflamações, febre, gripe, entre outras.

Foi delimitada a década de 1870 para a elaboração deste trabalho, especificamente os anos de 1877/79, pois devido à seca estava ocorrendo transformações no cotidiano social, ou seja, os produtos alimentícios tornavam-se escassos, a população sofria com a falta d'água, as doenças eram frequentes na sociedade, ocorria à migração populacional para áreas que oferecessem uma condição de vida mais digna. Como consequência ocorria um violento número de mortes.

Esta monografia está dividida em três capítulos. No capítulo inicial foi feita uma discussão sobre o significado da morte durante o século XIX, e quais práticas eram realizadas em benefício da alma, para que após a morte o indivíduo obtivesse salvação, ou seja, que rituais religiosos eram realizados para que o moribundo pudesse fazer uma passagem tranquila, da vida terrestre para a vida celestial. Também serão apresentadas as regras higienistas que passaram a ser adotadas na sociedade no decorrer do século XIX.

No segundo capítulo será abordado o período de estiagem ocorrido na região Nordeste. E sendo a seca de 1877/79, considerada como a de maior estiagem ocorrida no Nordeste, enfocarei o que levou essa seca a tomar grandes proporções. Mostrarei quais as medidas adotadas pela população como meio de sobrevivência durante o período de estiagem.

Finalmente, no terceiro e último capítulo entraremos na temática propriamente dita, fazendo uma relação sobre a morte e a seca ocorrida na vila de São João durante o século XIX, especificamente durante os anos de 1877/79 – o ano da “grande seca” ocorrida na região Nordeste. É neste capítulo em que as fontes de pesquisa adquiridas na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, localizada na cidade de São João do Rio do Peixe – PB, serão apresentadas ao leitor, discutindo quais as doenças que frequentemente estavam presentes no meio social e relacioná-las com a seca.

Para a concretização deste trabalho recorreremos a algumas fontes de pesquisa. Buscamos autores que trabalham com a temática da seca, e também autores que possuem alguma publicação sobre a morte, dentre eles se destacam: Albuquerque Júnior, Chalhoub, Pereira e Reis. Também foi realizada pesquisa em *sites* acadêmicos. E por fim, foi efetivada a pesquisa em documentos manuscritos, localizados no acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São João do Rio do Peixe - PB. Árduo trabalho onde foram necessárias horas diárias de dedicação, esforço e paciência para transcrevê-los, compreendê-los e analisá-los.

## **CAPÍTULO I – O SIGNIFICADO DA MORTE NO SÉCULO XIX: Os rituais religiosos e as políticas higienistas**

Quando falamos do cristianismo, não temos a pretensão de fazer um estudo aprofundado e detalhado sobre essa religião. A intenção é apenas sintetizar a base que sustenta essa religião, que é fundamentada no amor recíproco entre Deus e suas criaturas. Além disso, no decorrer desse capítulo pretendemos explicar algumas crenças católicas dos adeptos dessa religião, e as políticas higienistas que passaram a ser introduzidas no Brasil durante o século XIX.

O Brasil é um país de forte tradição católica. O cristianismo é baseado nos ensinamentos, na pessoa e vida de Jesus Cristo. Veyne declara que, “(...) o cristianismo tem por fundamento uma paixão mútua da divindade com a humanidade ou mais exatamente, com cada um de nós”. (VEYNE, 2011, p.37).

O cristianismo está baseado numa relação recíproca de Deus com a humanidade. Os fiéis católicos acreditam no poder do Deus supremo, capaz de exercer o perdão, aquele que tem o poder de realizar milagres, ou seja, os fiéis acreditam no Deus do impossível. E que tudo se explica através da fé.

Para Veyne (2011), a religião cristã possui suas especificidades, é uma religião baseada na fraternidade, no amor ao próximo. Podemos dizer que, essa relação de amor é baseada no próprio Cristo, o qual morreu pregado na cruz para libertar a humanidade de seus pecados.

De acordo com a crença cristã, Deus olha para seus fiéis com piedade, misericórdia. Por isso mesmo, é considerado pelos cristãos como o Deus do amor infinito, capaz de “tomar conta” de cada um de seus filhos. “Quando um cristão se punha em pensamento diante de seu deus, sabia que não deixava de olhado e ser amado”. (VEYNE, 2011, p.41).

O cristianismo também se sustenta na ideia de uma vida eterna no paraíso celestial. Para os cristãos a vida na terra seria apenas uma passagem. Acreditam na vida após morte e que através da morte ocorre a libertação da alma, e ganhará uma vida eterna no reino do Céu.

De acordo com a crença católica acredita-se que falece apenas o corpo, mas o espírito continua vivo, por isso, são realizados vários rituais depois que o indivíduo falece. Essa é uma forma de “homenagear” os mortos.

(...) o momento ideal de sua chegada, os ritos que a precediam e sucedia, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos – eram

todas questões sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos, movimentavam-se devoções e negócios. (REIS, 2008, p. 96).

Sob a ótica de Reis, os cristãos acreditavam apenas na morte terrena porque para eles através de rezas o espírito ainda permanecia vivo entre as pessoas. A reza era realizada como uma maneira para que o falecido obtivesse salvação, e como o espírito continuava vivo entre as pessoas ainda havia uma proximidade entre os vivos e os mortos. Essa relação era adquirida através das missas celebradas em memória dos falecidos, tradição essa que ainda perdura até hoje.

Mesmo após a morte existiam rituais que traziam a alma para bem próximo dos que ainda estavam presentes na terra, característica fortemente marcada pela Igreja Católica que através de sua tradição religiosa juntamente com seus fiéis celebravam missas como uma forma de cultuar e tornar-se viva na memória dos mortais a lembrança daqueles que já não estão mais sobre a terra. A missa socialmente representa um papel maior do que somente manter viva na memória aqueles que já partiram para o plano celestial, e sim representa um exercício para a libertação da alma.

O Purgatório existiu como uma forma de sentença para os pecados menos graves, para depois a alma do falecido poder viver plenamente no Paraíso Celestial.<sup>3</sup> Para esse tipo de sentença o ser humano poderia interferir através de rezas e promessas a santos para que o falecido pudesse ser absolvido da sentença que o levaria para o Inferno. Tudo isso era feito com a intenção de se obter a salvação.

Devido a todas essas crenças as pessoas procuravam viver de acordo com os ensinamentos eclesiásticos para que após a morte pudessem obter o descanso eterno alcançando o reino do Céu.

Reis (2009) afirma que muitas pessoas não acreditavam que para salvar suas almas do Purgatório precisassem apenas de missas de suas irmandades. Antes de morrer faziam pedidos das mortalhas que desejavam vestir, encomendavam o total de missas aos testadores para

---

<sup>3</sup> A definição do Além surgiu na Idade Média. Ele está dividido em três espaços: O Paraíso, o Inferno e o Purgatório. Esses três lugares possuem significados diferentes na concepção cristã. Esses conceitos foram bastante difundidos durante o período medieval, pois através do discurso religioso as pessoas começaram a pensar numa boa morte, livre dos pecados para alcançarem a salvação. Na concepção cristã o Paraíso é um lugar onde habita as almas bondosas, que não cometeram nenhum pecado grave. Para Zierer (2002) no Paraíso existia jardins, cânticos, anjos e também diversas árvores, já o Inferno possuía “pontes estreitas, rios ferventes, montanhas, lagos de gelo e monstros”. (ZIERER, 2002). Na concepção cristã o Inferno é o lugar da dor, do sofrimento. O Purgatório é o lugar intermediário entre o Paraíso e o Inferno. O Purgatório é destinado às almas não tão puras e nem com pecados graves que as levariam diretamente para o Inferno, sendo assim, esse é o lugar reservado para a purificação das almas.

serem celebradas após a morte e apelavam aos santos para cuidarem de sua chegada ao mundo dos mortos objetivando não ir para o Purgatório, mas alcançar o reino do Céu.

De acordo com Reis, também ocorria o arrependimento por parte das pessoas que estavam à beira da morte. Isso possibilitava que fosse feito o testamento, e alguns bens materiais eram investidos em missas. Também não era aconselhável que as pessoas morressem devendo promessas a santos, porque esses santos poderiam interferir na entrada para o reino celestial.

Na ótica de Reis (2008), o testamento também funcionava como uma encomendação da alma a Deus rogando a seus santos de devoção na hora da morte. Muitos cidadãos quando estavam próximo à morte faziam um testamento, e conseguia ter uma participação ativa no seu funeral, ou seja, escolhia os rituais para serem feitos.

(...) nomeavam os santos como advogados no Tribunal Divino, indicavam a quantidade e o tipo de missas que considerassem necessárias a abreviar a passagem pelo Purgatório, escolhiam o modelo da mortalha, às vezes o tipo do caixão, estabeleciam o número de padres, pobres e músicas durante o cortejo e a cerimônia de enterro, e finalmente especificavam o local da sepultura. (REIS, 2008.p.102)

Era importante deixar testamentado todos os rituais que o cristão desejava que fosse realizado após sua morte. Na sociedade cristã a representação ritualística da morte sempre existiu. De acordo com Reis (2009) após a morte do moribundo a primeira providência a ser tomada era preparar o velório e tratar do funeral.

O cuidado com o cadáver era de maior importância, uma das garantias que a alma não ficaria por aqui [terra] penando. Cortava-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. (REIS, 2009, p.114).

Percebemos que pós-morte existia todo um cuidado e um ritual realizado em torno do defunto. Este momento representava a “despedida” do morto com os vivos, então o falecido deveria estar limpo e bem arrumado. Representava o encontro derradeiro com os familiares, amigos e vizinhos.

Outro ritual realizado pelos cristãos em relação à morte era a cor da mortalha. A vestimenta que deveria ser usada no defunto. “A maioria das pessoas que escolhia a própria mortalha deixava que seus parentes ou executores testamentários cuidassem de compra-la ou mandar fazê-la”. (REIS, 2009, p.116). Entre os mortais existia a preocupação de deixar por escrito através de testamentos os rituais que desejavam que fossem realizados após sua morte.



Segundo Reis (2008) era muito comum as pessoas serem vestidas em hábito dos santos. A mais usada era a vestimenta de São Francisco, o qual tinha maior destaque dentro da religião católica, pois a tradição dizia que

certamente com a permissão de Deus, ele fazia expedições periódicas aquela zona celeste com objetivo de resgatar almas ali encarceradas. Imaginava-se que os mortos vestidos com seu hábito pudessem ser favorecidos nessas aventuras franciscanas. (REIS, 2008, p.112).

A mortalha de São Francisco representava simplicidade cristã. Sepultados com essa vestimenta os fiéis acreditavam que a passagem da vida terrestre para a vida eterna iria acontecer de forma tranquila. Sem maiores sofrimentos nessa travessia para conseguirem alcançar o lugar desejado que seria o paraíso celestial.

Depois que era escolhida a cor da mortalha era necessário tomar as providências para realizar o velório. Reis (2009) afirma que depois de escolhida a mortalha era necessário “armar a casa”, ou seja, decorá-la com os símbolos do luto.

Na entrada da casa, capelas, ramos fúnebres ou panos cortinados avisavam os transeuntes sobre a presença da morte. (...). Havia outras formas de anunciar a morte, como os gritos das carpideiras. Muitas vezes a família mandava rezar uma “missa de notícia”, dobrar os sinos da igreja da paróquia e, em muitos casos, também os da Catedral. As famílias mais abastadas também avisavam por meio de “cartas-convites”, distribuídas por escravos, fâmulos ou pessoas especialmente contratadas. (REIS, 2009, p.128).

Como podemos perceber durante o século XIX a morte do indivíduo era anunciada de diferentes formas. Como os funerais desse século eram realizados com grande pompa era necessário anunciar a morte do indivíduo para os demais cristãos. E assim reunir em torno do falecido um grande número de pessoas.

A morte estava associada à ideia de viagem. Segundo Reis (2009) era necessário que os sapatos dos defuntos estivessem limpos de poeira e areia. Era importante haver um desligamento do mundo dos vivos. Caso o defunto levasse algum resquício do mundo dos vivos como areia e poeira, sua alma atraída pela recordação familiar poderia voltar e ficar “vagando” sobre a terra. Ainda ligado a ideia de viagem, de acordo com Reis era costume amarrar as mãos dos defuntos com rosários.

- rosários pretos para homens e mulheres casados, azuis para as virgens, branco para as crianças, roxos para as viúvas. Entre as mãos uma vela acesa

para iluminar os caminhos que levavam à bem aventurança, ou então um crucifixo. (REIS, 2009, p.130).

Como podemos ver, existia todo um ritual religioso a respeito da morte. Os cristãos usavam rosários, velas, crucifixos no caixão ou em torno do defunto para que assim o defunto obtivesse de forma rápida o desligamento do mundo dos vivos.

Outro ritual bastante utilizado durante o século XIX era o fato dos cristãos rezarem durante o velório. Reis (2009) afirma que as rezas mais comuns durante os cortejos fúnebres eram padre-nossos, ave-marias e credos.

O último ritual realizado seria a despedida do morto do ambiente doméstico. Para Reis (2009) nesse momento derradeiro o pároco fazia a encomendação da alma do defunto. Depois feito todos esses rituais o sepultamento do corpo estava pronto para ser realizado.

Para Reis, chegado o momento de partir da vida terrestre, muitas pessoas arrependiam-se dos pecados cometidos com o intuito de obter a salvação. A Igreja Católica prega que até na hora da morte é possível arrepender-se de todos os pecados recebendo a absolvição dos mesmos, podendo passar para a vida celeste e viver eternamente em paz.

Durante o século XIX o moribundo ainda continuava tendo participação ativa na preparação de sua morte, pois ainda em vida escolhiam o lugar de sua própria sepultura, desejavam que seus corpos fossem enterrados em igrejas, ou seja, fazia pedidos para serem enterrados “em território conhecido, no ambiente em que viveram próximos daqueles com quem compartilharam a vida.” (REIS, 2009, p.186).

As pessoas tinham preferência de serem enterradas dentro dos templos católicos. De acordo com Reis havia o hábito de enterrar o corpo do defunto dentro da igreja por considerarem um lugar sagrado e como uma forma de obter salvação mais rapidamente. Mas “para a igreja o lugar em si da sepultura não devia ser tomado pelos fiéis como recurso salvífico, em detrimento de suas boas obras em vida e do sufrágio por suas almas na morte.” (REIS, 2009, p.178).

Foi nessa perspectiva de enterrar os corpos dos defuntos dentro das igrejas que os médicos passaram a analisar tais enterros de forma “perigosa” porque causaria danos à saúde pública como doenças graves e epidemias causadas pela contaminação do ar advinda da decomposição dos cadáveres. “Os velórios, os cortejos fúnebres e outros funerais seriam focos de doença, só mantidos pela resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com as ideias civilizatórias da nação que se formava.” (REIS, 2009, p.247).

Dessa forma, foi surgindo a preocupação de reorganizar o espaço para fazer o sepultamento do corpo dos defuntos. Nesse caso, a igreja não seria o local mais propício para a realização dos enterros.

De acordo com Castro (2007) havia a preocupação de organizar o espaço urbano, transferindo a maneira de enterrar os corpos na igreja para os cemitérios extramuros que ficavam afastados da cidade. Com isso evitaria o contato com os vivos e se prevenia das doenças epidêmicas.

Porém, durante o século XIX a população era muito devota da religião cristã e fazer uma mudança radical nos costumes fúnebres iria causar certa revolta na população. Mudar as práticas fúnebres levaria algum tempo para a população acostumar-se.

Houve resistência da população em deixar de enterrar os defuntos nas igrejas, pois consideravam o cemitério como um local não sagrado. A igreja simboliza a casa de Deus por isso havia preferência dos sepulcros naquela localidade. E ser enterrado dentro da igreja significava que de alguma forma o morto ainda continuaria vinculado ao mundo dos vivos, ou seja, durante as rezas era muito comum os vivos intercederem pela alma dos mortos não deixando que os mesmos caíssem em esquecimento.

Na perspectiva de Reis (2009) através das mudanças ocorridas nos funerais europeus em que deixaram de enterrar os defuntos na igreja e passaram a enterrá-los dentro dos cemitérios que ficavam localizados distantes das cidades houve resistência populacional porque as pessoas acreditavam que a alma só poderia ser salva se o corpo fosse enterrado dentro da igreja ou nos cemitérios paroquiais.

Os médicos analisavam os enterros nas igrejas de forma “perigosa” porque causaria danos à saúde pública como doenças graves e epidemias causadas pela contaminação do ar advinda da decomposição dos cadáveres. “Os velórios, os cortejos fúnebres e outros funerais seriam focos de doença, só mantidos pela resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com as ideais civilizatórias da nação que se formava.” (REIS, 2009, p.247).

Segundo Reis, esse ritual de enterrar os mortos em cemitérios não foi aceito de imediato, houve resistência por parte de alguns frades, padres e das irmandades. Cada um tinha um argumento de resistência.

As irmandades (...) queixavam-se de que a proibição resultaria em queda de associados...” Para os frades, “o fim dos enterros no convento de São Francisco, (...), eliminaria sua principal fonte de rendas e também

prejudicaria seus planos de recrutamento de noviços. (REIS, 2008, p.136-137).

Foi através dessa oposição que surgiu um movimento chamado de Cemiterada, na Bahia. A Igreja “perdera” vários devotos que por sua vez se uniam num combate contra a Companhia dos Cemitérios. Esse combate era feito a fim de evitar a criação dos cemitérios na sociedade baiana. Para Reis, devido ao grande surto epidêmico durante o século XIX, a maior parte da população contraiu doenças, crescendo o número de óbitos. Sendo assim os mortos não recebiam mais os cuidados dos vivos para preservar a sua alma. Esse Movimento de Cemiterada não obteve sucesso, e a instalação dos Cemitérios foi implantada na Bahia.

Mesmo em meio a tanta resistência ocorrida durante o século XIX, foram construídos cemitérios públicos em muitos lugares do Brasil, a exemplo Recife e Bahia. E para que houvesse maior aceitação dos fiéis foi criada dentro do cemitério uma capela para reafirmar a ideia que o cemitério também era um espaço sagrado e os mortos não ficariam desprotegidos da proteção divina.

Castro trabalha com a resistência na construção de cemitérios extramuros em Recife. Reis também trabalha com a resistência na construção de cemitérios na Bahia. São espaços diferenciados, mas nota-se que a religião cristã era tão forte no meio social que as pessoas não queriam deixar de lado seus antigos costumes fúnebres. Por isso, através do conhecimento científico havia a necessidade de reeducar os costumes tradicionais da população mostrando-lhes que ao abandonarem a prática tradicional dos enterros que eram realizados dentro ou nos arredores das igrejas e passando a enterrar os corpos dos defuntos em cemitérios extramuros os maiores beneficiados com essa mudança seria a população. Com isso ocorreria a purificação do ar, livrando a população das doenças epidêmicas contraídas dos moribundos.

Não podemos duvidar que a implantação de cemitérios no Brasil seria necessária. Porém, antes de construir cemitérios extramuros para mudar o costume da população para que ao invés de enterrar os cadáveres na igreja fossem enterrados nos cemitérios, fazia-se necessário civilizar o costume populacional mostrando-lhes os fatores negativos que esse tipo de costumes fúnebre causaria, explicando-lhes também os perigos de contaminação que colocaria em risco a saúde pública. Como a religião cristã se fazia presente no meio social é óbvio que haveria resistência e até mesmo recusa da implantação dos cemitérios no Brasil, mas com o passar do tempo as regras higienistas passaram a vigorar na sociedade brasileira e os cristãos compreenderam que os sepultamentos dos cadáveres em cemitérios seria uma forma de higienizar a própria cidade.

## **CAPÍTULO II – A REPRESENTAÇÃO DA SECA DE 1877/79 ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO POPULAR**

No decorrer deste capítulo será feito uma abordagem sobre o período de estiagem ocorrida entre os anos de 1877/79, especificamente na região Nordeste onde ocorria a escassez da água, de alimentos, causando forte impacto na agricultura regional e provocando a dizimação populacional.

Na perspectiva de Albuquerque Júnior (1988) o ano de 1877/79 ficou marcado pela “grande seca” ocorrida na região Nordeste. Essa característica foi atribuída através dos discursos populares-políticos em que havia a concorrência do poder regional/local, e através disso construíram um discurso caracterizando a seca de 1877/79 como a de maior ocorrência da região Nordeste.

O fato da seca de 1877/79 ter tido uma duração de três anos não era um motivo para causar tanto destaque e repercussão, pois existiram secas que tiveram duração maior e nem por isso ficaram conhecidas como grandes secas.

(...), a seca que durou seis anos, no século XVIII, entre 1723 e 28, ou a que teve a duração de quatro anos neste mesmo século, de 1790 a 1793. Entre 1844-46 havia sido registrada a última seca de grandes proporções antes da de 1877-79, e como esta, havia durado três anos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p. 17)

Percebe-se claramente que não foi através de sua duração que a seca de 1877/79 ficou conhecida como a grande seca já ocorrida na região Nordeste. Em função disso, Albuquerque Júnior levantou um questionamento: seria então através das consequências econômicas e sociais ocasionadas durante o período da estiagem que teria caracterizado-a com toda essa dimensão? Segundo ele, a seca afetou toda a escala produtiva, desde a plantação dos produtos de subsistência até a criação de gados. Quando ocorria o prolongamento da estiagem os agricultores perdiam seus rebanhos e essa perda era motivada através da fome, sede ou até mesmo ocasionada por doenças. Porém, muitos dos criadores com o intuito de evitar a morte dos rebanhos vendiam boa parte da criação para serem abatidas, ou então os migravam para áreas mais úmidas para que os rebanhos pudessem sobreviver durante o período de estiagem.

Além da perda do gado, a população sertaneja também sofria com a perda total dos produtos de subsistência, e em busca de sobrevivência as pessoas se viam obrigadas a migrarem para as áreas litorâneas. Portanto, de acordo com Albuquerque Júnior as

consequências econômicas e sociais também não foram um fator que notabilizou a seca de 1877/79 como grande seca. Durante esse período ocorreram chuvas que evitaram a dizimação do gado. O fato é que houve prejuízos ocasionados pela seca nos anos de 1877/79 que afetou tanto a pecuária quanto a produção de subsistência, mas isso não foi uma característica somente desse ano, visto que durante a seca de 1845 os preços dos produtos também aumentaram, e as pessoas mais carentes que não tinham condições de comprá-los migravam para outras regiões que apresentassem melhores condições de vida.

Com o prolongamento da estiagem, a crise começou a situar-se no Nordeste. Sob a ótica de Albuquerque Júnior, a seca de 1877/79 ocasionou várias crises econômicas principalmente na produção do açúcar e do algodão que era fonte de lucro para as pessoas que viviam no Nordeste. Estes produtos eram exportados para outras regiões. E mesmo com o aumento da produção do açúcar, tanto o número de exportações durante o século XIX quanto o preço das mercadorias ficavam cada vez mais baixos. No entanto, “(...) a queda de preços, tanto do açúcar quanto do algodão, (...) deve-se à grande depressão, que afetou a economia mundial de 1873 a 1896.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.27).

Outro produto que se expandiu no interior do Nordeste foi o algodão, causando algumas transformações na economia daquela região, passando também a ser comercializado pelo mercado internacional capitalista. Passou a concorrer com a produção de açúcar estendendo-se sobre áreas em que o açúcar exercia forte influência.

Nas províncias da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, a produção algodoeira se transforma na principal atividade econômica, sobrepujando o setor açucareiro. No entanto, justamente por estar incorporada a este mercado, torna a economia destas zonas também sujeitas a sofrerem os efeitos das crises periódicas do capitalismo internacional. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p. 28).

De acordo com Albuquerque Júnior, a crise do Nordeste também era causada através da própria estrutura econômica, pois faltavam recursos financeiros para investir na modernização da produção. Investimentos que beneficiassem tanto a zona industrial quanto a agrícola. Como faltava o capital investidor, era necessário reduzir as taxas de lucro dos produtores de açúcar e algodão.

Na perspectiva de Albuquerque Júnior, com o advento da seca de 1877/79 estava ocorrendo transformações significativas tanto no plano político nacional quanto no plano político regional. Transformações essas que provocaram a perda da importância política exercida pela classe dominante da região Norte. Esse declínio estava relacionado com a

própria diferenciação estabelecida entre a economia do Nordeste com a economia do Sul. Com o desenvolvimento da produção cafeeira na região Sul ocorreu o fortalecimento da classe dominante daquela região, criando novos grupos políticos, como comerciantes, industriais, etc. Com todo esse desenvolvimento econômico ocorrido na região Sul, o Nordeste sofreu uma crise econômica enfraquecendo o poder exercido pela classe dominante, especificamente o grupo açucareiro que era representante de grande importância política em questões nacionais.

Toda a repercussão causada pela seca de 1877/79 foi ocasionada no período em que o Nordeste estava passando por uma grande crise nos preços dos produtos de exportação. Para Albuquerque Júnior durante esses anos estava acontecendo transformações nas formas de trabalho, passando do trabalho escravo para o trabalho livre. Além disso, a classe dominante da região Nordeste estava perdendo espaço político na escala nacional. Em meio a todas essas transformações a população apresentava-se descontente, uma vez que estavam sendo atingidas pela crise econômica e social ocorrida durante o século XIX.

A ocorrência da seca acentua vários aspectos negativos da crise vivida pela região, levando a que se estabelece de caos, quer seja no plano econômico-social, como no plano político, e até mesmo no que se refere ao controle social, colocando em cheque vários mecanismos de dominação, que garantiam a manutenção da ordem e do *status quo*. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p. 65-66)

A região Nordeste durante o período de seca enfrentou uma crise relacionada a seus produtos de exportação. Os produtos, como o algodão, já não eram exportados com a mesma intensidade. Mediante essa crise vivenciada através dos produtos de exportação a maioria das pessoas foram procurar refúgio em localidades que apresentassem melhores condições de sobrevivência.

Segundo Albuquerque Júnior, com a migração populacional do Nordeste para o litoral aumentou o número de habitantes na região litorânea, crescendo também a quantidade de pessoas doentes, a insegurança e a subversão dos costumes dominantes pela região. Além dessas mudanças, com o alto índice populacional também ocorreu a desorganização do comércio, tanto na exportação quanto no comércio interno. O comércio de exportação ficou prejudicado na medida em que a seca dificultava os transportes dos produtos; nesse caso o comércio de algodão foi o mais atingido. O comércio interno ficou prejudicado porque houve a destruição da produção agrícola regional e também porque houve forte concorrência na

distribuição de alimentos por parte do governo. Justamente esses alimentos eram destinados a população pobre.

Diante dos vários problemas sociais ocorridos durante o século XIX, mais precisamente durante os anos de 1877/79, as doenças passaram a ser constantes na vida das pessoas, sendo que muitas dessas doenças ocasionavam a morte. Devido à região litorânea possuir um grande índice populacional ficava mais fácil contrair certas doenças. A desnutrição naquela localidade era muito comum e sua causa estaria ligada à má alimentação que as pessoas passaram a ter durante esse período. Com a aglomeração de habitantes as doenças se espalhavam muito rapidamente.

Através dos discursos políticos exercidos pela classe dominante nortista, através do imaginário a população consagrou a seca de 1877/79 como a grande seca já ocorrida na região Nordeste. Esse discurso politizado da elite dominante era usado para conseguir benefício econômico e político. Sendo assim conseguiam com mais facilidade recursos para a região. Também através desses discursos adquiriram mais poder político, a ponto de conseguir chamar atenção no plano político nacional.

Enquanto a seca era um problema do mundo dos dominados, ela era uma senhora desconhecida, mas ao chegar ao mundo dos dominantes ela não só é percebida, como transformada no cavalo de batalha de uma classe dominante que estava necessitando de argumentos fortes, para continuar exigindo o seu quinhão na partilha dos benefícios econômicos, e dos postos políticos a nível nacional. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p. 83)

Através da grandiosidade dos discursos sobre a seca, o homem pobre do campo possuía uma construção imagética a respeito desse período, trazendo para o próprio cotidiano popular uma concepção de que a seca de 1877/79 foi uma das maiores secas já ocorridas na região Nordeste.

Sob a ótica de Albuquerque Júnior o camponês considera a seca não só como um período que causa fome e sede na população, mas também considera-a como um elemento que causa tristeza porque não se viria mais alegria no rosto das pessoas, muito menos o cantar dos passarinhos. Essa é a imagem construída pelos camponeses sobre a seca.

(...) A seca é vista como um momento de contraste, o momento onde a vida se torna ruim na região. Região que antes “florida”, “alegre”, “verde”, “colorida”, onde a saúde existe e os “animais são gordos”, torna-se com ela desolada sem cores, proliferam as doenças, os animais emagrecem e morrem. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.100)



Para Albuquerque Júnior, durante o século XIX devido à constante presença da seca no cotidiano do morador do campo, do homem pobre, originou-se todo um saber popular a respeito do fenômeno da seca. Esse saber popular era realizado através de experimentos ao longo do ano para saber se o ano seguinte seria chuvoso ou não. Experiências essas que eram realizadas “através da observação dos astros no céu, do nascer do sol, da direção dos ventos, ou da observação do comportamento de animais ou plantas em certos dias ou épocas do ano” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, pp.101-102). Além desses tipos de experimentos realizados pelo camponês, existiam outros baseados no catolicismo: religião que exercia forte influência sobre as pessoas. Era muito comum em dias santos as pessoas fazerem experimentos para saber se os tempos seriam propícios para as chuvas ou não.

Os experimentos realizados pela população sertaneja para saber se haveria inverno ou não já tinha tornado-se uma tradição que perpassava de geração para geração.

Anualmente são feitas previsões baseadas nos mais diversos argumentos, desde a observação direta da natureza (como o comportamento das formigas, da oiticica, da carnaubeira), até ilações feitas a partir de santos (como Semana Santa, Dia de São José, Dia de Santa Luzia) ou ainda inspirados no Lunário Perpétuo (espécie de calendário anual que apresenta o ciclo solar, o planeta regulador do ano, etc). (FERREIRA, 1993, p.50)

Tal prática realizada durante o século XIX não se diferenciou das práticas do século XX. Os experimentos passaram a fazer parte da crença e da cultura popular dos nordestinos, sendo que ainda atribuem uma crença grandiosa às datas de comemoração a santos, como por exemplo, fazem experimentos nos dias dedicados a Santo Antônio, Santa Luzia e São José e não deixaram que a ciência substituísse os conhecimentos que foram adquiridos através da própria observação da natureza.

Através da literatura de cordel Albuquerque Júnior deixa transparecer que o conhecimento do homem pobre era diferente do conhecimento do homem rico. Os ricos não acreditavam nas mesmas crenças que os pobres, pelo contrário, associavam as secas nos seus discursos populares para tornarem-se mais poderosos socialmente.

Um rico ignorante/ mas também de boa fé  
apostou como chovia/ no dia da São José,  
a noite roubou um santo/ da casa de Maomé  
Mas no dia não choveu/ perdeu a aposta e falhou  
em casa da mulher/ a promessa não vogou  
sabe que o danado fez?/ pegou o santo e quebrou.  
(apud: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, P.105).

Através da literatura de cordel os poetas criticavam esses experimentos porque segundo eles, só Deus seria capaz de saber se no ano teria inverno ou somente verão, mas ao mesmo tempo acreditavam que o camponês saberia identificar os sinais da seca, já que era morador do campo e estava acostumado com as transformações ocorridas na natureza.

Na perspectiva de Albuquerque Júnior toda a articulação do discurso feito pela classe dominante do Nordeste a respeito da seca de 1877/79 era baseada na própria visão que o morador do campo tinha em relação à seca. Esse era o olhar que o camponês tinha voltado para o período de estiagem. Era uma realidade na qual eles conviviam constantemente. Para eles a seca já fazia parte do próprio espaço, percebendo que era um elemento desorganizador da própria natureza, ou seja, (...), “o camponês identificava a seca como um elemento mau, elemento que perverte a rotina da natureza, altera o ciclo natural, embora tal alteração seja também cíclica e natural.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.93).

O camponês também entendia a seca como castigo de Deus, como uma punição aos pecados humanos trazendo consigo o sofrimento para a população para que dessa forma ocorresse a purificação das almas. Albuquerque Júnior trabalha com versos de Nicandro Nunes do Nascimento e Bernardo Nogueira que deixam bem clara a visão do castigo divino no imaginário tradicional do camponês.

Foi-se a abelha, foi-se a caça/ A quem se pede nega,  
 Não há ceifa, não há rega.../é o que o povo passa?/  
 Da cabrum à (...) pouco/ Uma galinha não há/  
 Como o povo viverá/ nesta terra.  
 E os faz,/ Deus remédio  
 Mas se Deus sabe o que faz,/ Deus remédio dará.  
 (apud: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.93).

Em meio a tantas mudanças ocorridas no “mundo tradicional” a literatura de cordel que Albuquerque Júnior se propôs a trabalhar representava no imaginário popular a insatisfação de Deus mediante as transformações cotidianas. A seca funcionava como um aviso divino. O ser humano estava se envolvendo muito com as relações sociais capitalistas e esquecendo-se das questões divinas, como era o caso da relação que o homem tinha com Deus através da reza e aos poucos foi perdendo-se esse vínculo. No entanto, para a população a única maneira de combater a ira divina era através de rezas.

A seca era vista e pensada como a agonia do sertão onde tudo acabava morrendo lentamente, morte essa que era ocasionada pela fome, sede e doenças. Abaixo segue mais um

verso da literatura de cordel trabalhado por Albuquerque Júnior para explicar a morte provocada tanto nos homens quanto nos animais.

Não se ver (...) mais os mocós/ pulando pelos flagelos  
nem também nos arvoredos/ não cantam mais curiós  
termina todos forrós/ nem baile, nem diversão  
só há choro e aflição/ nem reisado , nem folia  
termina toda alegria/ quando lia seca no sertão.

Secaram todos os riachos/ os córregos e as ribeiras  
aqueles pés de coqueiros/ nunca botaram mais cachos  
do milho todos “penachos”/ estão caídos no chão  
nem abóbora, nem melão/ nem caco, nem melancia  
resta somente agonia/ quando há cerca no sertão.  
(apud: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.97).

Sob o olhar de Albuquerque Júnior, devido às dificuldades vivenciadas pelo camponês no momento da seca ele fazia uma comparação entre o passado e o presente. Considerava o passado um paraíso onde não existia a miséria, tudo existia em abundância e tudo era motivo para festas, enquanto que o presente devido à existência da seca era marcado pela pobreza, abalando a estrutura familiar, a vida cultural, destruindo toda a produção agrícola. No entanto, devido a tudo isso não havia mais espaço para a alegria, havia espaço somente para lamentações.

Sertão de riso e de festa/ do samba e da vaquejada  
da pamonha e da buchada/ do forró e da seresta  
da mulher séria e honesta/ da festa de apartação  
da safra do algodão/ do umbu e da mangaba,  
mas tudo isso se acaba/ quando há seca no sertão.  
(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.115).

O discurso popular presentes nos cordéis trabalhados por Albuquerque Júnior trouxe no seu contexto a mitificação do passado. Os camponeses atribuíam boas características ao passado, vendo-o como um verdadeiro paraíso, abundante e alegre, característica essa que para eles se perderam com o acontecimento da seca. O fato era que no presente estavam ocorrendo transformações no próprio cotidiano popular. Na verdade, em meio a tantas transformações na natureza não tem como continuar iguais as relações de trabalho e as formas de sobrevivência no período da seca (presente) com as do tempo anterior (passado).

De acordo com Albuquerque Júnior através do discurso popular, o camponês expressava seu descontentamento com as formas de trabalho que eram submetidos no Sul, mas no Nordeste também existia grandes proprietários de terras que possuíam seus

empregados para fazer com que a terra produzisse mais. O fato de cumprir ordens do patrão fazia também com que ocorresse a migração do camponês para outras regiões.

Pois geralmente no Norte/ é somente fazendeiro  
que quer ser dono de tudo/ com ambição e dinheiro  
e assim vive oprimido/ o pobre no cativoiro.  
(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p.137).

Foi devido a tantas mudanças sociais que os nordestinos atribuíram a seca um sentido de atraso, de fome, de exploração, de miséria e por isso se viam obrigados a aceitar toda e qualquer forma de trabalho. Trabalho esse que para eles eram inaceitáveis em tempos favoráveis e abundantes, mas em período de seca tinha que aceitá-los para não morrer de fome, e mesmo atribuindo a forma de trabalhar para um patrão como trabalhar em cativoiro, trabalhava por necessidade e não porque estavam de acordo com o mesmo, pois se sentiam verdadeiros prisioneiros porque não estavam acostumados com esse tipo de trabalho, estavam acostumados com o trabalho livre.

Através dessa explanação podemos compreender que a seca de 1877/79 ficou caracterizada como a grande seca já ocorrida na região Nordeste não por sua extensão. Ganhou toda essa repercussão porque a classe dominante da região através do discurso reforçava a ideia de miséria, dos que morrem devido a fome, doenças e sede. Vários significados sobre a seca são apresentados por aqueles que vivem na região Nordeste, principalmente pelo homem pobre, morador do campo, por aqueles que estavam acostumados com esse fenômeno da natureza. Estes encaram a seca como um acontecimento que desperta medo na população, ou seja, como é da natureza que retiram seu sustento com a escassez de chuvas os alimentos necessários a sobrevivência também se escasseiam, ficando sujeitos a miséria. O lugar bonito e florido torna-se feio, a tristeza substitui a alegria. Com tudo isso se pode dizer que cada morador do campo através de sua memória individual possuía um conhecimento e uma significação imagética sobre a seca.

### **CAPÍTULO III – RELAÇÕES ENTRE SECA E MORTE DURANTE O SÉCULO XIX: O Registro de Óbito**

Como já foi debatido no capítulo anterior, os anos de 1877/79 ficaram marcados pela “grande seca” que abalou a estrutura (ocorria falta d’água, alimentos, migração acentuada e doenças) da região Nordeste. Muitos populares sofreram com este impacto social, pois as pessoas passaram inúmeras dificuldades por causa da escassez de alimentos e também por falta de recursos financeiros. Outra característica desse ano era o fato da população estar sofrendo com algumas doenças que se desenvolviam na sociedade, provocando vítimas fatais, a exemplo da febre amarela e varíola.

No decorrer deste capítulo temos a pretensão de fazer uma relação entre a seca e a morte na vila de São João durante os anos de 1877/79. Todas as informações contidas nesse capítulo a respeito dessa vila foram adquiridas através da transcrição dos registros de óbitos que estão localizados na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São João do Rio do Peixe - PB.

Durante o século XIX a doença era entendida pelos cristãos como uma maneira de abreviar os pecados graves, ou seja, funcionava em forma de penitência. Reis (2008) estuda o caso do Padre Bernardo José Pinto de Queirós, autor de um manual de assistência aos agonizantes que foi publicado em 1802. O padre diz que a doença seria um intermédio pelo qual o indivíduo obteria mais rapidamente a salvação. Se a morte não acontecesse lentamente através de alguma doença, seria de forma repentina. Se a morte fosse anunciada através de alguma doença, o indivíduo poderia fazer preces a seus santos de devoção, dessa forma acreditava que não iria morrer em pecado mortal. “(...) A doença, (...) seria uma prova de empenho de Deus em facilitar a salvação, ‘porque se assim não fosse, ele (...) mandaria uma morte repentina’”. (REIS, 2008, p.101).

Na vila de São João os populares também não estavam livres de doenças como gripe, febre, diarreia, bexiga, etc. De acordo com as certidões de óbitos assentados pelos vigários Amélio Marques da Silva Guimarães, Francisco Torres Brazil, Joaquim Teophilo da Guerra, Joaquim Cyrillo de Sá e Manoel Vieira da Costa e Sá localizados na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São João do Rio do Peixe- PB, pode-se observar que no século XIX existiam muitas mortes<sup>4</sup>. Nesse caso, as doenças que mais se faziam frequentes na

---

<sup>4</sup> Tendo como base os dados levantados no acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário na cidade de São João do Rio do Peixe- PB durante o período de estiagem ocorreram 427 mortes. Ao fazer o levantamento de todas as doenças ocorridas durante o século XIX obtemos um total de 1.372 mortes.

vila de São João durante o período de estiagem eram espasmo (47 mortes), febre (44 mortes), diarreia (20 mortes). Essas informações foram adquiridas através das certidões de óbitos presentes na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Nelas contêm o nome do falecido, idade, estado civil, a causa e o ano da morte, a cor da mortalha, o local da sepultura, o nome do vigário que fez o atestado de óbito. São esses documentos que nos ajudará a estabelecer uma relação mais detalhada sobre a morte e a seca na vila de São João.

A tabela 1, apresentada no final deste capítulo, mostra os mais variados tipos de doenças sobre as quais os habitantes da vila de São João estavam sujeitos. E não podemos atribuir suas causas apenas ao acontecimento da seca. São causas naturais e ao compararmos as enfermidades ocorridas entre os anos 1870/1876 com as doenças ocorridas durante os anos 1877/79 observamos que as mesmas doenças como febre, diarreia, estupor, espasmo, etc., já eram características dos anos anteriores. Para termos uma ideia do número de óbitos ocorridos na vila de São João durante o século XIX recorreremos ao livro de óbitos que está situado na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário na cidade de São João do Rio do Peixe - PB. Observando a tabela 2 podemos concluir que durante os anos 1870/1873 o número de óbitos estava equilibrado. Dos anos 1874/1879 houve um aumento de óbitos na região. Ocorrendo uma diminuição somente no ano de 1890.

**TABELA 1: ANO E O NÚMERO DE ÓBITOS OCORRIDOS NA VILA DE SÃO JOÃO DURANTE O SÉCULO XIX**

ANOS	NÚMERO DE MORTES
1870	85
1871	79
1872	62
1873	80
1874	213
1875	294
1876	146
1877	246
1878	155
1879	26
1880	17

**Fonte:** Acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, localizado na cidade de São João do Rio do Peixe – PB. 1870- 1880. Livro 01. Fls. 61-89. Livro 02. Fls. 01-69.

Algumas das doenças citadas neste trabalho tiveram os nomes substituídos por outros. Por certo o leitor ficará em dúvida sobre o significado de algumas enfermidades como espasmo, estupor, moléstia, hidropisia, garrotinho, desgraça, etc. Com a intenção de esclarecê-

las elaboramos uma tabela que contém o nome das doenças e seus significados. Algumas delas ainda apresentam causas desconhecidas<sup>5</sup>.

**TABELA 2: DOENÇAS E SIGNIFICADOS**

DOENÇAS	SIGNIFICADOS
• Cancro	Mal que aos poucos vai atingindo o organismo
• Desgraça	Morte por alguma catástrofe.
• Dureza	Sem conhecimento da causa
• Estupor	Estado mórbido em que o doente, imóvel, não reage a estímulos externos nem a perguntas.
• Esquecência	Acreditamos que “morrer de esquecência” seria um acontecimento da velhice. Consequência da própria idade, que através do seu avanço a pessoa vai perdendo a memória. Como estamos trabalhando as certidões de óbitos, essa afirmação perde a veracidade. Alguns documentos de óbitos transcritos constam que jovens morria por essa tal doença. Isso nos leva a acreditar que sua causa não era um acontecimento da velhice, portanto sua causa é desconhecida.
• Física	Sem conhecimento da causa
• Garrotilho	Infecção na laríngea.
• Hidropisia	Acumulação anormal de líquido seroso em tecidos ou em cavidades do corpo.
• Maligna	Febre.
• Moléstia	Incômodo ou sofrimento físico; Dai deriva-se Moléstia de peito, boca, ar, crônica, tempo, barriga, interior.
• Póstuma	Sem conhecimento da doença.
• Pústula	Pequena ferida no corpo.

As doenças que se faziam presentes na sociedade durante o século XIX não era característica somente da região sertaneja, pois até mesmo nas capitais mais desenvolvidas ocorriam epidemias que atingia toda a sociedade, a exemplo, o Rio de Janeiro, que durante os anos de 1849/50 contraiu a febre amarela. Dessa forma a crença católica também se fazia presente nessa província. Como afirma Chalhoub (1996) as pessoas acreditavam que “a cólera divina” fora despertada pelos vícios e pecados da população do Rio de Janeiro, e se prolongava porque continuava os espetáculos públicos, como as festas, bailes, etc.

A figura do médico também estava presente na sociedade durante o século XIX. Para Chalhuob (1996) estes estavam preocupados em fornecer para a população explicações científicas mostrando-lhes que as enfermidades era um fator natural e que não tinha relação alguma com a ira divina. Afirmavam que Deus haveria deixado para o homem a capacidade de raciocinar e por isso mesmo poderia dar determinadas explicações científicas para a população.

<sup>5</sup> Algumas causas dessas doenças/mortes podem ser percebidas através da própria análise do documento de óbito, outras não. Recorremos ao Dicionário Aurélio para compreender o significado de algumas dessas doenças.

Algumas doenças como a febre amarela, a peste bubônica e a varíola se alastravam rapidamente sobre a população do Rio de Janeiro tornando os infectados vítimas fatais. Porém, de acordo com Pereira (2009), como o médico Oswaldo Cruz era responsável pela saúde pública ele tomou algumas medidas para combater essas epidemias.

Contra a peste bubônica, foi promovida na cidade uma cruzada de caça aos ratos, que chegava mesmo a remunerar os indivíduos que levassem às autoridades sanitárias os animais mortos. A febre amarela por sua vez, foi combatida com uma intensa campanha de eliminação de seus agentes transmissores, com a criação de brigadas mata-mosquitos que tinham o poder de invadir e vistoriar residências, fiscalizar e demolir construções e determinar todo tipo de providência para evitar a proliferação da doença. (PEREIRA, 2009, p.17).

Para Chalhoub (1996), muitos debates foram levantados sobre a epidemia da febre amarela, porém não havia a certeza das causas de sua origem e isso dificultava que o governo imperial formulasse planos eficazes para melhorar as condições sanitárias que a princípio era o fator principal para o surgimento da doença no Rio de Janeiro.

Em meio a tantos debates sobre a febre amarela Chalhoub (1996) afirma que os médicos e populares também acreditavam que a epidemia não estava relacionada somente com as questões sanitárias, mas também estava ligada ao tráfico negreiro. Acreditavam que a epidemia era trazida pelas embarcações e quando chegava aos portos começava a fazer as primeiras vítimas. Até mesmo os médicos da época como Audoaurd defendiam a ideia de que a causa da febre amarela poderia estar relacionada aos navios negreiros, uma vez que esses escravos eram transportados sem a menor condição de higiene.

As condições vigentes no transporte dos africanos escravizados – amontoados em porões imundos, mal alimentados, impossibilitados até mesmo de subir ao convés para satisfazer suas necessidades físicas, e assim por diante - eram considerados responsáveis pelo surgimento do veneno da febre amarela. Os dejetos líquidos humanos produzidos nessas circunstâncias entranhavam-se nas madeiras apodrecidas dos cascos dos navios e, sob o calor inclemente dos trópicos, desencadeavam um processo químico desconhecido, e gerador do veneno. (CHALHOUB, 1996, p. 75).

Na perspectiva de Pereira (2009), como a varíola era uma doença epidêmica e os responsáveis pela saúde pública não tinham encontrado uma forma de combatê-la caberia agir somente depois de observarem os casos, evitando assim o seu contágio. A transmissão da varíola era causada pelo ar e por isso era muito difícil combatê-la. O indivíduo infectado apresentava sinais visíveis de febre, intoxicações e dores e também geravam-se bolhas no seu



corpo, por isso a doença era popularmente conhecida como bexiga. Sendo assim, para as autoridades sanitárias a única forma de combatê-la seria através da “vacinação obrigatória”.

Na vila de São João, durante o século XIX, a população também sofria com as epidemias. A bexiga foi uma doença que atingiu a sociedade daquela época ocasionando vítimas fatais.

Valério Alves da Costa branco, cazado com Maria Thereza de Jezuz, morreu de Bexigas na idade de 32 annos e sem abito algum, e vai sipultado no cemitério de São João aos 26 de janeiro de 1879, e para constar fasso este termo, que assigno.

O Vigrº Manoel Vieira da Costa e Sá.

(Livro de óbitos de São João do Rio do Peixe - PB, livro 02, fl. 66).

Durante o século XIX a população do Rio de Janeiro ainda se recusava a tomar vacinas em combate a doenças. No entanto, as pessoas passaram a associar a vacina como doença e morte. O fato é que já havia muita recusa da população em tomar a vacina. Essa recusa aumentou ainda mais devido a um jovem que apresentava febre alta tomá-la e ao invés de obter a cura da enfermidade acabou não resistindo e veio a óbito. Isso despertou mais desconfiança nos habitantes.

A associação entre vacina e morte, baseada no temor de se introduzir em pessoas sãs o vírus causador de uma doença de origem animal, parecia de fato um argumento capaz de levantar sobre ela uma intensa suspeição. (PEREIRA, 2009, p. 20)

Isso foi uma das causas para que houvesse tanta resistência à vacinação durante o século XIX. As opiniões se mostravam bastante divididas e eram expressas através dos jornais que circulavam na cidade durante esse período.

O Jornal Correio da Manhã publicou, em 01 de julho de 1904, a opinião do inglês Glendouer Olley. Ele utilizou o nome de alguns outros médicos para reafirmar a ideia de que “a vacina era causa principal do horrível desenvolvimento do cancro, tuberculose e de certas moléstias cutâneas, quais o eczema, que são flagelo da sociedade moderna.” (PEREIRA, 2009, p.22-23)

Todos aqueles discursos sobre a vacina apresentado por jornais acabou provocando em parte da população certa revolta, principalmente para os trabalhadores operários, pois para eles a vacina obrigatória estava violando suas leis como cidadãos, isto é, estava restringindo a liberdade individual de cada pessoa.

No entanto, foram muitas discussões levantadas por trabalhadores, médicos, jornalistas e políticos em torno da vacinação obrigatória, em que algumas pessoas se posicionavam a favor desse projeto e outras não. Porém, de acordo com Pereira no dia 31 de outubro de 1904 foi aprovado pelo Congresso Nacional a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola para todos os cidadãos.

A minha intenção em comparar o Rio de Janeiro e a vila de São João durante fins do século XIX e início do XX é mostrar que mesmo nas capitais mais desenvolvidas o espaço social também sofria devido a doenças epidêmicas e infecciosas, por exemplo, a varíola. Vitimando muito de seus populares.

Dentro da tradição católica era muito comum que o corpo de alguns defuntos fosse enterrado dentro da Igreja. Pelo que foi observado nos registros de óbitos localizados na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em São João do Rio do Peixe – PB essa prática de enterrar os defuntos dentro da própria Igreja foi se perdendo com o passar do tempo. Não foi encontrado nenhum registro constando que após a morte o indivíduo fosse enterrado dentro da igreja. Diante dos 1.372 registros de óbitos analisados todos constam que os mortos eram enterrados no cemitério local ou em cemitérios das regiões circunvizinhas.

Manuel Antunes d'Andrade, branco, com idade de 50 annos, casado com Josefa Maria de Jesus morreu d'inflamação confessado por mim e encomendado vai sepultar n'este cemitério [São João do Rio do Peixe] em habito branco em 22 de setembro de 1875; e para constar faço este termo, que assigno.

O Vigrº Manoel Vieira da Costa e Sá

(Livro de óbitos de São João do Rio do Peixe- PB, livro 02, F.28).

Os cristãos desejavam que seus corpos fossem enterrados dentro das igrejas por considerarem aquele espaço sagrado. Para Pereira (2010), na mentalidade cristã o enterro dentro da igreja significava estar perto de Deus e possuir uma vida feliz na eternidade. Porém, não era todo cristão que tinha o privilégio de ser enterrado no templo sagrado. Era preciso ter uma posição de destaque na sociedade e possuir alguns bens materiais.

As normas [Igreja] pregavam que para o morto ser enterrado nas Igrejas a família precisaria ter prestígios e, sobretudo bens. A Igreja era dividida conforme as posses do morto deixando explícito a relação de poder existente. (BONJARDIM, BEZERRA e VARGAS, 2010, pp. 05-06).

Já que não foi encontrado nenhum documento de óbito constando que a população da vila de São João fosse enterrada dentro da Igreja podemos analisar que nenhum dos populares

sobre os quais foi realizado o atestado de óbito tinha poder econômico, eram pertencentes às classes mais baixas. Por isso que seus corpos eram sepultados no cemitério da própria vila ou nos cemitérios das regiões circunvizinhas.

Não consta nos atestados de óbitos, mas na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, em São João do Rio do Peixe- PB existe três sepultamentos dentro da Igreja. Todos os três túmulos pertencem a padres. São eles Joaquim Cyrillo de Sá<sup>6</sup>, Antônio Fernandes Queiroga (Nasceu: 17/10/1943, faleceu: 20/10/1997), Cônego Manuel Jácome (Nasceu: 17/07/1929, faleceu: 22/03/1980).

No registro de óbito acima transcrito percebemos que o sepultamento foi realizado no cemitério local. A seguir observaremos outro sepultamento realizado num cemitério localizado próximo a vila de São João.

Luiza, escrava de Luisa morreu de moléstia de peito e em hábito branco foi sepultada no cemitério de Jerusalém a 12 de Fevereiro de 1874; e para constar faço este termo, que assigno.  
O Vigrº Manoel Vieira da Costa e Sá  
(Livro de óbitos de São João do Rio do Peixe- PB, livro 02, fl.12).

Neste caso, observamos que esse sepultamento trata-se de uma escrava. Como tal não tinha um *status social*, muito menos uma posição social privilegiada jamais seria digna de ter seu corpo enterrado dentro da Igreja Católica.

A comparação estabelecida entre os dois registros de óbitos é somente para reafirmar a ideia de que apesar de não ter nenhum registro de óbito constando algum sepultamento dentro de igrejas, os corpos de alguns defuntos eram enterrados em cemitérios de outras regiões.

Também podemos observar que o deslocamento dos corpos dos defuntos para o cemitério de outras regiões não era por falta de um espaço no cemitério da vila de São João. Comprovamos que durante o mesmo ano havia a alternância dos sepultamentos no cemitério da própria vila e também nos cemitérios das regiões vizinhas.

Observando o registro de óbito a seguir, analisaremos que não era a falta de um espaço no Cemitério da vila que levava com que os corpos dos defuntos fossem enterrados nos cemitérios de outras localidades. Tendo como exemplo o ano de 1874, ocorreram sepultamentos tanto no cemitério local como no cemitério das regiões vizinhas.

---

<sup>6</sup> As informações sobre as datas de nascimento e falecimento se encontram apagadas. Por isso não tem a possibilidade de especificá-las.

João, pardo, filho legítimo d'Antonio Pereira Dultra e Josefa Maria da Conceição com idade de trinta e sete dias morreu de espasmo e em habito branco vai sepultar-se n'este Cemitério a vinte e sete de Dezembro de 1874; e para constar faço este termo que assigno.

O vigr<sup>o</sup> Manuel Vieira da Costa e Sá

(Livro de óbitos de São João do Rio do Peixe- PB, livro 02, Fl.10).

Nesse caso percebemos que o cemitério da vila tinha espaço para fazer o sepultamento dos defuntos. Ao analisarmos a tabela 3 notamos que durante os anos estudados todos constam que havia sepultamento dos corpos dos defuntos no cemitério de São João. Em contrapartida também havia sepultamento nos cemitérios das regiões vizinhas, como Belém, Barra do Juá, Jerusalém, Serra do Padre e São Gonçallo do Umary. O número de sepultamentos no cemitério de São João era mais elevado do que nos cemitérios das outras regiões. De 1970/1880 ocorreram 826 sepultamentos no cemitério da vila de São João, 60 na Barra do Juá, 392 em Belém, 22 em Jerusalém, 01 em Serra do Padre, 01 em São Gonçallo do Umary, 04 sem local específico.

Seguindo outra linha de raciocínio tudo nos leva a crer que o sepultamento dos defuntos em outras localidades deve-se ao fato de ter a solicitação da própria família, ou mesmo para satisfazer a própria vontade do indivíduo. Como existia a prática do moribundo deixar escrito através de testamento o que deveria ser feito após sua morte, era provável que ele escolhesse o cemitério o qual desejava que seu corpo fosse sepultado.

**TABELA 3: ANO, LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO E NÚMEROS DE PESSOAS ENTERRADAS DURANTE O SÉCULO XIX**

1870	• São João	54
	• Barra do Juá	21
	• Belém	10
1871	• São João	47
	• Jerusalém	01
	• Belém	01
1872	• São João	62
1873	• São João	66
	• Barra do Juá	08
	• Jerusalém	05
1874	• São João	91
	• Belém	100
	• Barra do Juá	10
	• Jerusalém	12

1875	• São João	149
	• Serra do Padre	01
	• São Gonçallo do Umary	01
	• Jerusalém	04
	• Belém	120
	• Barra do Juá	19
1876	• São João	112
	• Barra do Juá	01
	• Belém	33
1877	• São João	124
	• Belém	122
1878	• São João	119
	• Belém	32
	• Sem cemitério específico	04
1879	• Barra do Juá	01
	• Belém	03
	• São João	22
1880	• Belém	03
	• São João	14

**Fonte:** Acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, localizado na cidade de São João do Rio do Peixe – PB. 1870- 1880. Livro 01. Pp.61-89. Livro 02. Pp. 01-69.

Diante da análise dos 1.372 registros de óbitos constatamos que era numerosa a quantidade de mortes na vila de São João durante o século XIX. É nítido que durante a estiagem de 1877/79 ocorreu um aumento do número de mortes devido à fome, má alimentação; mas esses fatores por si só não era o que impulsionava a morte na região. A doença sempre foi um fator preocupante na vila, os problemas de saúde já eram antecedentes ao período de estiagem. Portanto, podemos dizer que a seca não foi um fator isolado que provocou a morte dos populares na vila de São João, mas foi um importante fator contribuinte para que aumentasse o número de óbitos na região. Analisamos que as mortes ocorridas durante o século XIX não era característica apenas do sertão nordestino, as capitais em desenvolvimento, como o Rio de Janeiro, também apresentavam índices de mortes devido às doenças epidêmicas. Muitos populares tentavam buscar explicações para tais doenças através da divindade, como castigo atribuído por Deus. Em meio a todos os levantamentos das certidões de óbitos podemos considerar a morte como uma causa natural não tendo ralação alguma com a divindade.

**TABELA 4: DOENÇAS E MORTES OCORRIDAS DURANTE OS ANOS 1870/1880 NA VILA DE SÃO JOÃO**

ANO	CAUSAS/DOENÇAS	NÚMERO DE MORTES	TOTAL
	• Câmaras de sangue/ Diarreia	09	85
	• Constipado	05	
	• Dentição	01	
	• Desgraça	01	
	• Estupor	06	
	• Esquecência	01	
	• Febre	14	
	• Garrotilho	07	
	• Hidropisia	04	
	• Inflamação	01	
	• Maligna	01	
	• Moléstia de barriga	01	
	• Moléstia de peito	03	
	• Moléstia interior	05	
	• Parto	04	
	• Póstuma	01	
	• Prisão de ventre	01	
	• Quebra de resguardo	01	
	• Reumatismo	01	
	• Sem causa	20	
• Subitamente	01		
• Tosse	01		
1871	• Câmaras de sangue/ Diarreia	05	49
	• Dentição	02	
	• Dor	01	
	• Espasmo	15	
	• Febre	07	
	• Fluxo de sangue	01	
	• Garrotilho	02	
	• Hidropisia	01	
	• Indigestão	01	
	• Inflamação	01	
	• Maligna	04	
	• Moléstia	01	
	• Moléstia de peito	01	
	• Moléstia interior	01	
	• Parto	03	
	• Quebramento	01	
• Sem causa	01		
• Subitamente	01		
	• Câmaras de sangue/ Diarreia	04	
	• Dentição	06	

1872	• Espasmo	15	62
	• Estupor	01	
	• Esquecência	02	
	• Febre	12	
	• Garrotilho	04	
	• Hidropisia	01	
	• Maligna	02	
	• Moléstia de ar	01	
	• Moléstia interior	01	
	• Parto	06	
	• Tosse	04	
	• Sem causa	01	
• Subitamente	02		
1873	• Catapora	01	79
	• Câmaras de sangue/ Diarreia	17	
	• Dentição	05	
	• Dureza	01	
	• Espasmo	16	
	• Estupor	01	
	• Esquecência	01	
	• Febre	11	
	• Febre maligna	01	
	• Feridas	02	
	• Ferida na garganta	05	
	• Fluxos	02	
	• Garrotilho	02	
	• Gripe	01	
	• Hidropisia	02	
	• Ingestão pulmonar	01	
	• Maligna	03	
	• Moléstia de peito	01	
	• Moléstia de barriga	02	
	• Moléstia de boca	01	
	• Moléstia interior	04	
	• Mordida de cobra	03	
	• Parto	02	
• Prisão de ventre	01		
• Reumatismo	01		
• Sem causa	01		
• Subitamente	07		
	• Ar	01	
	• Bexiga	02	
	• Câmara de sangue	04	
	• Cancro no rosto	01	
	• Constipação	04	
	• Dentição	01	
	• Dor	01	
	• Espasmo	60	

1874	• Estupor	10	213
	• Esquecência	01	
	• Febre	29	
	• Febre maligna	02	
	• Ferida	01	
	• Física	01	
	• Garrotilho	01	
	• Hidropisia	12	
	• Inchação	04	
	• Inflamação	08	
	• Maligna	02	
	• Mal interior	02	
	• Moléstia	01	
	• Moléstia de peito	04	
	• Moléstia de garganta	01	
	• Moléstia de tempo	02	
	• Parto	10	
	• Prisão de ventre	02	
	• Queimadura	01	
	• Queda	01	
	• Sarampo	01	
	• Sem causa	11	
	• Subitamente	11	
	• Tosse	01	
	• Tuberculose	01	
	• Tumor	01	
	• Veneno de cascavel	01	
• Vício	01		
1875	• Ar	02	294
	• Afogado	01	
	• Ataque apoplético	01	
	• Bronquite	01	
	• Caroço	01	
	• Catapora	02	
	• Catarro	02	
	• Constipação	01	
	• Diarreia	20	
	• Dureza	01	
	• Espasmo	44	
	• Estupor	08	
	• Esquecência	03	
	• Febre	47	
	• Febre amarela	01	
	• Febre maligna	01	
	• Ferida	04	
	• Física	04	
	• Fome	01	
	• Gota	02	
• Hemorragia	01		
• Hidropisia	10		
• Inchação	09		



	• Indigestão	01	
	• Inflamação	09	
	• Lombriça	01	
	• Maligna	03	
	• Moléstia	01	
	• Moléstia crônica	01	
	• Moléstia interior	13	
	• Moléstia de peito	01	
	• Moléstia de tempo	01	
	• Moléstia de barriga	02	
	• Parto	03	
	• Paralisia	02	
	• Prisão de ventre	02	
	• Quebra de resguardo	01	
	• Queda	03	
	• Queimadura	01	
	• Reumatismo	06	
	• Sem causa	66	
	• Subitamente	05	
	• Tétano	01	
	• Velhice	01	
	• Veneno de aranha	01	
	• Veneno de cobra	02	

	• Ar	01	
	• Catarro maligno	01	
	• Constipação	02	
	• Diarreia	17	
	• Dormindo	01	
	• Espasmo	40	
	• Estupor	05	
1876	• Esquecência	01	146
	• Facada	01	
	• Febre	17	
	• Febre maligna	01	
	• Ferida	03	
	• Física	04	
	• Gota	01	
	• Hidropisia	05	
	• Indigestão	01	
	• Inflamação	04	
	• Maligna	02	
	• Mal interior	03	
	• Moléstia de barriga	01	
	• Moléstia interior	01	
	• Parto	02	
	• Paralisia	01	
	• Pasma	03	
	• Póstuma	01	
	• Quebra de resguardo	01	
	• Queimadura	01	
	• Reumatismo	01	
	• Sarampo	01	

	• Sem causa	19	
	• Subitamente	03	
	• Velhice	01	
1877	• Ar	02	246
	• Catarro	01	
	• Câmaras de sangue/Diarreia	14	
	• Cancro	01	
	• Convulsão	01	
	• Constipação	06	
	• Dor	01	
	• Dor no corpo	01	
	• Dentição	01	
	• Desconcerto	01	
	• Espasmo	36	
	• Estupor	05	
	• Entalado	01	
	• Febre	34	
	• Ferida	01	
	• Física	03	
	• Fome	30	
	• Gota	01	
	• Hidropisia	05	
	• Hemorróidas	01	
	• Inchação	06	
	• Indigestão	05	
	• Inflamação	01	
	• Lepra	01	
	• Lombrigas	01	
	• Mal interior	10	
	• Moléstia de parto	01	
	• Moléstia de garganta	01	
	• Mordida de aranha	01	
	• Parto	03	
	• Queimada	01	
	• Reumatismo	02	
	• Sem causa	60	
	• Subitamente	05	
	• Velhice	01	
	• Vício	01	
1878	• Ar	02	155
	• Afogada	01	
	• Câmaras de sangue/ Diarreia	19	
	• Dentição	02	
	• Empada	06	
	• Enforcada	01	
	• Erisipela	02	
	• Espasmo	11	
	• Estupor	04	
	• Febre	07	

	• Febre congestional	01	
	• Febre inflamatória	01	
	• Física	02	
	• Fome	64	
	• Hemorróidas	01	
	• Hidropisia	03	
	• Inchaço	15	
	• Mal interior	06	
	• Passamento	01	
	• Sem causa	03	
	• Subitamente	02	
• Velhice	01		
1879	• Bexigas	03	26
	• Espasmo	01	
	• Esquecência	01	
	• Diarreia	02	
	• Febre	03	
	• Garrotilho	01	
	• Hidropisia	02	
	• Inflamação	03	
	• Lesão	01	
	• Mal desconhecido	01	
	• Moléstia interior	03	
	• Sem causa	04	
	• Tiro	01	
1880	• Ar	01	17
	• Espasmo	03	
	• Estupor	02	
	• Hepatite	01	
	• Pneumonia	01	
	• Pústula	01	
	• Sem causa	03	
	• Subitamente	03	
	• Tiro	01	
	• Veneno	01	

**Fonte:** Acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, localizado na cidade de São João do Rio do Peixe – PB. 1870- 1880. Livro 01. Pp.61-89. Livro 02. Pp. 01-69.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho desenvolvido, torna-se compreensível que a seca que abalou a região nordeste do Brasil no ano de 1877/79, trouxe conseqüências drásticas para a população paraibana de São João do Rio do Peixe. Uma vez que, altíssimos são os índices de mortalidade neste período. Contudo, destaca-se que a mortalidade neste período não estaria ligada apenas a seca ocorrida no ano já citado. Esta afirmação torna-se clara através das certidões de óbitos consultadas na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário localizada na cidade de São João do Rio do Peixe- PB, tais documentos apontam para o fato de que muitos indivíduos morreram neste período, não em razão da seca, mas em decorrência de enfermidades que estariam presentes desde anos antecedentes a seca. O objetivo central deste trabalho é justamente, mostrar através de análises documentais, que as conseqüências trazidas por este fenômeno não foram os motivos que causou a morte de milhares de pessoas neste período. Somente através de pesquisas e comparação de dados e informações tornou-se possível constatar que a seca foi um fator contribuinte para tais mortes, ao lado de enfermidades que já permeavam aquela sofrida população.

Assim, podemos concluir que existe um discurso grandioso envolvendo a seca de 1877/79. As opiniões se mostram bastante divididas. Uns consideram-na como um fenômeno natural, como uma causa climatológica. Para outros a seca está ligada a uma construção imagética. Como os discursos da época reforçavam a ideia de pobreza, miséria, dos que morrem devido à fome, sede e doenças, ocorre a cristalização da seca de 1877/79 como a de maior ocorrência na região Nordeste.

O termo seca está repleto de representações. Representa migração, fome, doenças e morte. Todos os discursos envolvendo a região sertaneja estão voltados para a ideia que devido ao fenômeno da seca os produtos alimentícios se escasseiam, ocorre falta d'água na região. Devido a esses fatores as pessoas não tinham uma garantia de sobrevivência e começava o processo migratório para outras localidades. A migração era entendida como um "refúgio", única "saída" na tentativa de escapar da morte durante o período de estiagem.

Conclui-se que o termo seca sempre estará vinculado ao conceito de morte. Através da experiência individual cada sertanejo possui a sua própria interpretação sobre a mesma, veem-na como pobreza, atraso, miséria, agonia e sofrimento. Porém, não devemos atribuir apenas fatores negativos a este fenômeno. Mesmo com todas as dificuldades sofridas pelos sertanejos é possível sobreviver ao período de estio na sua própria localidade, uma vez que existem planos assistencialistas de governo que ajudam a minimizar o sofrimento durante a estiagem.

Através de tudo isso podemos afirmar que o discurso social e político foi o grande responsável por criar esses estereótipos sobre o sertão nordestino.

## REFERÊNCIAS

Acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. São João do Rio do Peixe - PB. 1870 – 1980.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Fala de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino. De problema à solução (1877-1922).** Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Estadual de Campinas, (UNICAMP), Campinas, 1988.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias; BEZERRA, Daniel de Castro; VARGAS, Maria Augusta Mundim. A morte do cristão em transformação: as cidades e o espaço da morte. **Revista de História e Estudos Sociais.** Maio/Junho/Julho/Agosto de 2010. Vol. 07.

ASSARÉ, patativa. A triste Partida. **Revista eletrônica Sertão de todas as partes.** 13, Nov. 2006. Disponível em: <<http://osertanejo.multiply.com/reviews/item/10>>. Acesso em: 16 out. 2012.

CARTAXO, Rosilda. **Estradas das Boiadas: roteiro para São João do Rio do Peixe.** João Pessoa: NOPIGRAL, 1975.

CASTRO, Vanessa de. **Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife de século XIX.** Recife: Fundação de Cultutra Cidade do Recife, 2007.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. In: **Febre amarela.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 60-86.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba.** João pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar. O minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República. In: **Variola, vacina e outras práticas de cura.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. pp. 15-23.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: **História da vida privada no Brasil 2.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Pp. 96-141.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.

SOUSA, Rivaldo Amador de. **Vertigens do progresso: O trem e outros signos do mundo moderno em São João do Rio do Peixe (1918-1964).** Monografia (História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2005.

ZEIRERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). **Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e**

**Medieval**, n. 2, pp.150-184, dez. 2002. Disponível em:  
<<http://www.revistamirabilia.com/nova/index.php>>. Acesso em: 13 out.2012.